

Orientações para os Facilitadores das Rodas de Conversa

1-Rodas de Conversa

Como realizar uma roda de conversa?

As rodas de conversa devem ser divididas por segmento da comunidade escolar. Por exemplo, fazer uma roda só com estudantes, uma com familiares e etc. Isso garante que as pessoas fiquem mais à vontade para falar com sinceridade. Estes encontros devem ter no máximo 20 participantes. Assim, é possível ter representatividade e, ao mesmo tempo, garantir espaço de fala a todos os participantes.

As rodas de conversa são idealmente conduzidas por dois facilitadores: o facilitador mediador, responsável por organizar o diálogo, e o facilitador sistematizador, encarregado de registrar as falas dos participantes. Para isso, seria importante que o professor convide mais colaboradores para participar deste processo.

Abertura: No momento inicial da roda, o facilitador mediador deve abrir o encontro com uma breve apresentação do objetivo da atividade, contextualizando o porquê e a importância de os participantes estarem lá, contribuindo com este momento.

Apresentação: Em seguida, para que todos se conheçam, o facilitador conduz uma dinâmica rápida de apresentação. Uma possibilidade é que cada participante da roda diga o seu nome e uma palavra que transmita como ele se sente em relação ao tema que será debatido. Dessa forma, a própria apresentação já começa a trazer insumos para a escuta.

Acordos: Depois da apresentação, o facilitador pode propor alguns combinados para que todos os presentes sintam-se estimulados e tenham espaço para compartilhar suas percepções. Ele deve pontuar que as falas colhidas durante a conversa serão sistematizadas e explicar como serão utilizadas. É importante aplicar um termo de autorização de uso de imagem para que a roda possa ser fotografada e o material divulgado, mas vale frisar que os comentários compartilhados serão mantidos anônimos pela equipe e sugerir que os participantes também se comprometam com a confidencialidade das informações trocadas durante a roda.

Perguntas Norteadoras: As discussões da roda de conversa são estruturadas a partir de um roteiro de perguntas norteadoras sobre os diferentes aspectos do tema que será discutido. Esses tópicos devem ser trazidos para o debate a partir de perguntas diretas e simples e com linguagem adaptada a cada um dos públicos.

Mediação da roda de conversa: Cabe ao facilitador mediador criar um ambiente de acolhimento e confiança para garantir que todos se sintam à vontade para expressar suas opiniões com franqueza. Ele deve organizar a ordem das falas, para garantir que

todos possam se expressar, e administrar o tempo para conseguir passar por todos os assuntos relevantes.

Registro: O facilitador registrador tem um papel muito importante, pois é a boa sistematização das falas dos participantes que garantirá a qualidade das ações que virão a seguir. Ele anotará todas as questões essenciais levantadas pelos participantes de forma neutra, sem filtrar ou julgar as opiniões.

Encerramento: Neste momento, é importante explicar quais serão os próximos passos do processo. Recomendamos também sugerir aos participantes que disponibilizem seus contatos para que recebam as informações sobre os próximos passos e fiquem sempre atualizados.

Sistematização: Caso você tenha realizado mais de uma roda de conversa com o mesmo público, será necessário congregiar as informações de cada uma das rodas. Para isso, a dica é usar um Mapa de Sistematização, que permite agregar muita informação no mesmo lugar e de uma forma visual. Agregue todas as informações que cada público-alvo levantou nas rodas de conversa sobre cada um dos temas, e as registre na coluna de cada tema. Agrupe aquilo que for parecido e indique a frequência com que elas apareceram nas rodas. Este processo trará agrupamentos das principais tendências levantadas nas rodas de conversa.

Anna Penido

Fonte: <http://fazsentido.org.br/>

COMUNICAÇÃO NÃO-VIOLENTA

“Quando falamos, quanto mais claros formos a respeito do que desejamos obter como retorno, mais provável será que o consigamos. Uma vez que a mensagem que enviamos nem sempre é a mesma que é recebida, precisamos aprender como descobrir se nossa mensagem foi ouvida com precisão”. (ROSEMBERG, 2006, p.121)

No contexto das Rodas de Conversa é fundamental pensarmos sobre a forma de abordagem mais adequada ao interagirmos com os estudantes. Desta forma, a Comunicação não violenta é uma linguagem, é aprender a expressar-se verbalmente, observando-se o que nos afeta e nosso bem-estar, como nos sentimos, as nossas necessidades, valores e desejos e as ações concretas que pedimos para enriquecer a nossa vida em nossas interações. Nesse sentido é uma abordagem que estabelece um vínculo de comunicação dialógica, que envolve o respeito ao outro e a escuta do outro minimizando conflitos na busca de informações e soluções partilhadas, sem o uso de julgamentos moralizadores que não são compatíveis com os nossos valores, classificando as pessoas e seu modo de ser. Por exemplo: “O uso de drogas é ruim”; usuários de drogas têm comportamento agressivo e são pessoas vulneráveis”; poderíamos dizer: “Tenho receio do uso de drogas para resolver problemas pessoais e de curiosidade; valorizo a **prevenção** do uso de drogas por outros meios”. Portanto, a comunicação deve considerar que cada um é responsável por seus próprios pensamentos, sentimentos e atos, o que nos leva a refletir que vivemos em uma sociedade hierarquizada, na qual há o poder de uns sobre os outros.

ROSEMBERG, Marshall B. Comunicação não-violenta: técnicas para aprimorar relacionamentos pessoais e profissionais/Marshall B. Rosenberg; [tradução Mário Vilela]. – São Paulo: Ágora, 2006.

Link das páginas 53 a 61 Capítulo 3 do livro Comunicação não-violenta.

Fonte: <http://www.icomfloripa.org.br/wp-content/uploads/2016/03/Comunicac%CC%A7a%CC%83o-Na%CC%83o-Violenta.pdf>

Para entendermos essa linguagem, exemplificamos com o exercício a seguir:

O Estudo de Caso: “O Palestrante mais arrogante que já tivemos!”

Instrumento pedagógico que apresenta um problema mal estruturado, que não tem uma solução pré-definida exigindo empenho do aluno para identificar o problema, analisar evidências, desenvolver argumentos lógicos, avaliar e propor soluções.

Atividade Avaliativa: Leitura do Capítulo 3 do livro Comunicação não-violenta - CNV, da página 59 a 61.

A CNV em ação "O palestrante mais arrogante que já tivemos!"

Este diálogo ocorreu durante um seminário que eu conduzia. Após cerca de meia hora de apresentação, fiz uma pausa para abrir espaço para manifestações dos participantes. Um deles levantou a mão e declarou: "Você é o palestrante mais arrogante que já tivemos!"

Tenho várias opções para escolher quando as pessoas se dirigem a mim dessa maneira. Uma delas é levar a mensagem a mal; sei que faço isso quando sinto grande necessidade de me curvar, me defender ou arranjar desculpas. Outra opção (na qual estou bem treinado) é atacar a outra pessoa pelo que considero um ataque contra mim.

EU (deduzindo das observações que ele estava fazendo). Será que você está reagindo por eu ter demorado trinta minutos corridos para apresentar minhas ideias até vocês terem tido chance de falar?

ELE. Não! Falando, você faz tudo parecer simples demais.

EU (tentando esclarecer melhor). Você está reagindo por eu não ter dito nada sobre como, para algumas pessoas, pode ser difícil pôr o processo em prática?

ELE. Não, não para algumas pessoas -para você!

EU. Então você está reagindo por eu não ter dito que o processo às vezes pode ser difícil para mim mesmo?

ELE. Isso mesmo.

EU. Você está aborrecido porque você teria apreciado algum tipo de sinal de minha parte que indicasse que eu mesmo tenho alguns problemas com o processo?

ELE (depois de uma pequena pausa). É isso mesmo.

EU (mais relaxado, agora que estava em contato com o sentimento e a necessidade da pessoa e dirigindo minha atenção para o que ela poderia estar me pedindo). Você gostaria que eu reconhecesse agora mesmo que esse processo pode ser difícil para eu mesmo colocar em prática?

ELE. Sim.

EU (tendo esclarecido sua observação, seu sentimento e seu pedido, faço uma introspecção para ver se estou disposto a fazer o que ele pede). É, esse processo muitas vezes é difícil para mim. Ao longo do seminário, você provavelmente me ouvirá descrever vários incidentes em que lutei -ou perdi completamente o contato com esse processo, essa consciência que estou apresentando para vocês. Mas o que me faz persistir são as conexões de proximidade com outras pessoas, conexões que acontecem quando consigo me manter no processo.

Observação ou Avaliação?

Para determinar sua habilidade de discernir entre observações e avaliações, faça o exercício a seguir. Circule o número de qualquer afirmação que seja uma observação pura, sem nenhuma avaliação associada.

1. Ontem, João estava com raiva de mim sem nenhum motivo.
2. Ontem à noite, Lúcia roeu as unhas enquanto assistia à TV.
3. Marcelo não pediu minha opinião durante a reunião.
4. Meu pai é um homem bom.
5. Maria trabalha demais.
6. Luís é agressivo.
7. Cláudia foi a primeira da fila todos os dias desta semana.
8. Meu filho frequentemente deixa de escovar os dentes.
9. Antônio me disse que eu não fico bem de amarelo.
10. Minha tia reclama de alguma coisa toda vez que falo com ela.

Respostas para o Exercício

1. Se você circulou esse número, discordamos. Considero "sem nenhum motivo" uma avaliação. Também considero uma avaliação inferir que João estava com raiva. Ele podia estar magoado, amedrontado, triste ou outra coisa. Avaliação poderia ser "João me disse que estava com raiva" ou "João esmurrou a mesa".
2. Se você circulou esse número, estamos de acordo em que se fez uma observação à qual não estava associada nenhuma avaliação.
3. Se você circulou esse número, estamos de acordo em que se fez uma observação à qual não estava associada nenhuma avaliação.
4. Se você circulou esse número, discordamos. Considero "homem bom" uma avaliação. Uma observação sem avaliação poderia ser "Durante os últimos 25 anos, meu pai tem doado um décimo de seu salário a obras de caridade".
5. Se você circulou esse número, discordamos. Considero "demais" uma avaliação. Uma observação sem avaliação poderia ser "Maria passou mais de sessenta horas no escritório esta semana".
6. Se você circulou esse número, discordamos. Considero "agressivo" uma avaliação. Uma observação sem avaliação poderia ser "Luís bateu na irmã quando ela mudou de canal".
7. Se você circulou esse número, estamos de acordo em que se fez uma observação à qual não estava associada nenhuma avaliação.
8. Se você circulou esse número, discordamos. Considero "frequentemente" uma avaliação. Uma observação sem avaliação poderia ser "Esta semana, meu filho deixou duas vezes de escovar os dentes antes de dormir".

9. Se você circulou esse número, estamos de acordo em que se fez uma observação à qual não estava associada nenhuma avaliação.
10. Se você circulou esse número, discordamos. Considero "reclama" uma avaliação. Uma observação sem avaliação poderia ser "Minha tia telefonou para mim três vezes esta semana, e em todas falou de pessoas que a trataram de alguma maneira que não a agradou".

2 - SUJEITOS DAS RODAS DE CONVERSA: ADOLESCENTES E JOVENS

Documentos que nortearam a construção do texto:
Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica
Base Nacional Comum Curricular - BNCC

O projeto de vida

Na BNCC, o protagonismo e a autoria estimulados no Ensino Fundamental traduzem-se, no Ensino Médio, como suporte para a construção e viabilização do projeto de vida dos estudantes, eixo central em torno do qual a escola pode organizar suas práticas. Ao se orientar para a construção do projeto de vida, a escola que acolhe as juventudes assume o compromisso com a formação integral dos estudantes, uma vez que promove seu desenvolvimento pessoal e social, por meio da consolidação e construção de conhecimentos, representações e valores que incidirão sobre seus processos de tomada de decisão ao longo da vida. Dessa maneira, o projeto de vida é o que os estudantes almejam, projetam e redefinem para si ao longo de sua trajetória, uma construção que acompanha o desenvolvimento da (s) identidade (s), em contextos atravessados por uma cultura e por demandas sociais que se articulam, ora para promover, ora para constranger seus desejos. Logo, é papel da escola auxiliar os estudantes a aprender a se reconhecer como sujeitos, considerando suas potencialidades e a relevância dos modos de participação e intervenção social na concretização de seu projeto de vida. É, também, no ambiente escolar que os jovens podem experimentar, de forma mediada e intencional, as interações com o outro, com o mundo, e vislumbrar, na valorização da diversidade, oportunidades de crescimento para seu presente e futuro.

(...)

No Ensino Médio, os jovens intensificam o conhecimento sobre seus sentimentos, interesses, capacidades intelectuais e expressivas; ampliam e aprofundam vínculos sociais e afetivos; e refletem sobre a vida e o trabalho que gostariam de ter. Encontram-se diante de questionamentos sobre si próprios e seus projetos de vida, vivendo juventudes marcadas por contextos socioculturais diversos. Por ser um período de vida caracterizado por mais autonomia e maior capacidade de abstração e reflexão sobre o mundo, os jovens, gradativamente, ampliam também suas possibilidades de participação na vida pública e na produção cultural. Eles fazem isso por meio da autoria de diversas produções que constituem as culturas juvenis manifestadas em músicas, danças, manifestações da cultura corporal, vídeos, marcas corporais, moda, rádios comunitárias, redes de mídia da internet, gírias e demais produções e práticas socioculturais que combinam linguagens e diferentes modos de estar juntos.

Nessa direção, a BNCC da área de Ciências Humanas prevê que, no Ensino Médio, sejam enfatizadas as aprendizagens dos estudantes relativas **ao desafio de**

dialogar com o Outro e com as novas tecnologias. Considerando que as novas tecnologias exercem influência, às vezes negativa, outras vezes positiva, no conjunto das relações sociais, é necessário assegurar aos estudantes a análise e o uso consciente e crítico dessas tecnologias, observando seus objetivos circunstanciais e suas finalidades a médio e longo prazos, explorando suas potencialidades e evidenciando seus limites na configuração do mundo contemporâneo.

Seguindo essa atitude inquiridora da realidade, é preciso que os estudantes percebam que a pretensão da validade e a aceitação de princípios universais têm sido questionadas por diversos campos das Ciências Humanas, visto que a legitimação dos saberes envolve um conjunto de códigos produzidos em diferentes épocas e sociedades. A razão e a experiência por exemplo, são paradigmas da sociedade moderna ocidental e dificilmente servirão para analisar sociedades fundadas em outras lógicas, produto de outras histórias e outros contextos.

O entrelaçamento entre questões sociais, culturais e individuais permite aprofundar, no Ensino Médio, a discussão sobre a ética. Para tanto, os estudantes devem dialogar sobre noções básicas como o respeito, a convivência e o bem comum em situações concretas. **A ética pressupõe a compreensão da importância dos direitos humanos e de se aderir a eles de forma ativa no cotidiano, a identificação do bem comum e o estímulo ao respeito e ao acolhimento às diferenças entre pessoas e povos, tendo em vista a promoção do convívio social e o respeito universal às pessoas, ao bem público e à coletividade.** Em suma, o conhecimento do Outro, da outra cultura, depende da capacidade de se indagar para indagar o Outro, atitude fundamental a ser desenvolvida na área de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas. Esse é o primeiro passo para a formação de sujeitos protagonistas tanto no processo de construção do conhecimento como da ação ética diante do mundo real e virtual, marcado por uma multiplicidade de culturas.

Link para leitura dos textos – O Ensino Médio e as Juventudes (págs. 153 à 159):
<http://portal.mec.gov.br/docman/julho-2013-pdf/13677-diretrizes-educacao-basica-2013-pdf/file>

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular do Ensino Médio (BNCC). Brasília, MEC/CONSED/UNDIME, 2018. p. 472-479-481. Disponível em: <<http://basenacionalcomum.mec.gov.br/bncc-ensino-medio>>. Acesso em: 15 mar. 2019.

Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais da Educação Básica/ Ministério da Educação. Secretária de Educação Básica. Diretoria de Currículos e Educação Integral. – Brasília: MEC, SEB, DICEI, 2013.

Mais informações: Competência 6: Trabalho e Projeto de vida.

Uma das capacidades necessárias é gerir e planejar desejos e objetivos.
<https://novaescola.org.br/bncc/conteudo/10/competencia-6-trabalho-e-projeto-de-vida>

3- A ESCOLA

A escola em debate - Gestão, projeto político-pedagógico e avaliação

Autora: Ilma Passos Alencastro Veiga

A escola é uma realidade temporal instituída. Desenvolve-se num espaço e tempo histórico. Compreender os problemas postos pela prática pedagógica passa a ser uma exigência da gestão democrática. O projeto é a identidade da escola, que orienta as ações pedagógicas. A avaliação das atividades pedagógicas leva à reflexão com base em informações sobre como a escola se organiza para colocar em ação o seu projeto.

Link: <http://retratosdaescola.emnuvens.com.br/rde/article/view/270/446>

Questões para reflexão

SE A ESCOLA PRETENDE DESENVOLVER AÇÕES DE PREVENÇÃO AO USO DE ALCOOL E OUTRAS DROGAS, COMO É CONCEBIDO O PAPEL DOS ESTUDANTES NESSE PROCESSO?

O PROJETO DA ESCOLA POSSIBILITA O DESENVOLVIMENTO DO PROTAGONISMO JUVENIL?

O COLETIVO ESCOLAR TEM CIÊNCIA DO QUE SE PRETENDE COM AS RODAS DE CONVERSA SOBRE DROGAS.

QUAIS RELAÇÕES A ESCOLA ESTABELECE ENTRE O PROJETO DE VIDA DOS ESTUDANTES E O PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO?

4- PROTAGONISMO JUVENIL

De acordo com ANTONIO CARLOS GOMES DA COSTA

O termo Protagonismo Juvenil, enquanto modalidade de ação, é a criação de espaços e condições capazes de possibilitar aos jovens envolverem-se em atividades direcionadas à solução de problemas reais, atuando como fonte de iniciativa, liberdade e compromisso. [...]O cerne do protagonismo, portanto, é a participação ativa e construtiva do jovem na vida da escola, da comunidade ou da sociedade mais ampla. (COSTA, 2001, p.179).

“O protagonismo é exercido como prática da cidadania, não na forma de voluntariado, com ações de solidariedade e sim a vivência da cidadania pela ação em favor de todos, do bem comum. O propósito do protagonismo juvenil, como forma de participação social democrática é ‘...criar condições para que o educando (a) possa exercitar, de forma criativa e crítica, essas faculdades na construção gradativa de sua autonomia. ’ ” (COSTA, 2000, p.139).

O que é protagonismo juvenil? Para Maria Eleonora D. Lemos Rabêllo “Protagonismo é a atuação de adolescentes e jovens, através de uma participação construtiva. Envolvendo-se com as questões da própria adolescência/juventude, assim como, com as questões sociais do mundo, da comunidade.... Pensando global (o planeta) e atuando localmente (em casa, na escola, na comunidade...) o adolescente pode contribuir para assegurar os seus direitos, para a resolução de problemas da sua comunidade, da sua escola...”

Link: <http://cedeca.org.br/conteudo/noticia/arquivo/39DA691A-FD4E-D119-3DAE60914B0999AE.pdf>

COSTA, A.C.G. Protagonismo juvenil: adolescência, educação e participação democrática. Salvador: Fundação Odebrecht, 2000

. _____, A.C.G. A presença da Pedagogia: teoria e prática da ação socioeducativa. 2ª Ed. São Paulo: Global: Instituto Ayrton Sena, 2001.

5- TEXTO: Visão Educacional das Drogas: Orientação para os pais e professores.

“Nesse sentido, destacamos que o foco da prevenção é a pessoa, não a droga. Por isso, precisamos ser experts em gente antes de querermos saber tudo sobre drogas. Daí a importância de os pais/mães conhecerem de fato seus filhos e filhas, suas características de personalidade, quem são seus amigos, seus talentos, os lugares onde gostam de estar, bem como as professoras e professores interessarem-se pelo universo das histórias de vida dos estudantes, contextualizando os conteúdos da aprendizagem e variando as situações de estímulo-aprendizagem. Família e escola devem e podem estimular o prazer de estudar em substituição ao prazer fugaz da droga. ”

Autora: Araci Asinelli da Luz

Links: http://www.agrinho.com.br/site/wp-content/uploads/2014/09/24_Visao-educativa.pdf <http://www.agrinho.com.br/materialdoprofessor/visao-educacional-das-drogas-orientacao-para-os-pais-e-professores>

6- PROJETO DE VIDA

Após a Roda De Conversa e somente com os estudantes. Essa atividade pode ser realizada em 04 encontros.

1- REFLEXÃO

Os estudantes orientados pela/o pedagoga/o farão uma reflexão sobre suas expectativas de vida, no sentido de identificar os interesses de cada um. Isso pode ser feito em forma de uma lista de desejos ou em forma de desenho e após deverá ocorrer a socialização com todos.

2- CONVERSA PARA AUTOCONHECIMENTO

Sugestões de perguntas:

- Quem eu sou?
- Como eu penso?
- O que faço com facilidade?
- O que tenho dificuldade para fazer?
- O que eu gostaria de saber fazer?
- Como eu gostaria de ser?
- O que eu quero para a minha vida?

3 - SOCIALIZAÇÃO

Envolvimento da família, em um encontro, para conhecer as expectativas de vida

de seus filhos.

4 - NOVAS DISCUSSÕES

- O que eu quero?
- Quais são as atividades necessárias para desenvolver minhas capacidades e atingir meu objetivo?
- Quais seriam as atividades/curso/oportunidades que me ajudariam nesse percurso?
- Qual estratégia pode me preparar para alcançar meu objetivo?

Considerar que cada um tem sua própria história de vida, diferentes arranjos familiares e diferentes percepções do local em que vive. Outra questão são seus valores, como: estabilidade emocional, sociabilidade, capacidade de superar fracassos (resiliência), curiosidade, perseverança... visto que, os adolescentes estão em processo de transformação física, psicológica e de relações interpessoais.

Uma sugestão de trabalho (o estudante como protagonista no espaço escolar) é incentivar a expectativa de uma futura carreira profissional (feiras de profissão, pesquisa das áreas de interesse, palestras com profissionais de diferentes áreas, parceria com universidades locais) e trazer essa discussão para o ambiente escolar em forma de mostra de conhecimento, por exemplo.

Curitiba, 23 de maio de 2019.